

# **GLOBALIZAÇÃO: EXPANSÃO DE MERCADOS ENQUANTO NECESSIDADE INTRÍNSECA DO DESENVOLVIMENTO CAPITALISTA**

*ANDRÉA BRAZ DA COSTA*<sup>1</sup>

*MARCOS ANTÔNIO TAVARES SOARES*<sup>2</sup>

*A necessidade de mercados sempre crescentes para seus produtos impele a burguesia a conquistar todo o globo terrestre. Ela precisa estabelecer-se, explorar e criar vínculos em todos os lugares*<sup>3</sup>

Este trabalho visa resgatar no pensamento de Marx e Engels os elementos que apontam para a dinâmica de mundialização dos mercados como forma intrínseca ao próprio desenvolvimento do modo de produção capita-

---

<sup>1</sup> Mestre em Economia pela Universidade Federal de Campo Grande (UFCG/PB), professora substituta da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e da Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC).

<sup>2</sup> Mestre em Economia pela Universidade Federal de Campo Grande (UFCG/PB), professor da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais de Maceió - FAMA e da Faculdade Alagoana de Administração (FAA).

<sup>3</sup> Karl Marx, Friedrich Engels, “Manifesto do Partido Comunista (1848)”. In: Daniel Aarão Reis Filho (org.), *O Manifesto Comunista 150 anos depois*. Rio de Janeiro: Contraponto/São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999, p. 11.

lista dada a “Lei da Tendência à Queda da Taxa de Lucro”, no qual se insere a caracterização do processo de globalização atual.

O conceito de globalização enquanto uma terminologia utilizada para designar, atualmente, “... o fim das economias nacionais e a integração cada vez maior dos mercados, dos meios de comunicação e dos transportes”<sup>4</sup>, entre outras designações, invadiu o discurso econômico e político em todo o mundo, alcançando uma maior afirmação dentro da Academia, a partir dos anos 80, enquanto fase “nova” no capitalismo. No entanto, a limitação de tal conceito impede a visão de um fenômeno mais complexo, bem como presente em tempos mais remotos, enquanto um processo social que atua no sentido de uma mudança política e econômica, com avanços e retrocessos registrados pela história.

Dentre as interpretações desse fenômeno histórico complexo, a interpretação marxista se destaca. Muito embora, atualmente, não seja apontada pela Academia como uma corrente de interpretação do capitalismo atual — encarada como lente ultrapassada para os atuais acontecimentos — a teoria marxista traz, em seus escritos, indícios que permitem caracterizar o processo de globalização vivenciado pelo capitalismo atual.

Em suas obras, Karl Marx não se refere ao termo globalização, tendo em vista que na época em que escrevia o mundo ainda não apresentava formatação global. No entanto, em seus textos é corrente a utilização de: expansão dos mercados para todo o globo terrestre, expansão mundial, mundialização da economia, cosmopolitização da produção, etc. No *Manifesto do Partido Comunista* (1848), por exemplo, a expansão dos mercados de modo que ele atinja dimensões globais, como revela a citação inicial deste artigo, traz indícios de uma globalização tal como a conceituamos atualmente. Há, no “Manifesto”, elementos ainda mais contundentes com relação à globalização, que possibilitam descrever situações que são vividas no processo atual:

“Pela exploração do mercado mundial, a burguesia imprime um caráter cosmopolita à produção e ao consumo em todos os países (...). As indústrias nacionais tradicionais foram, e ainda são, a cada

---

<sup>4</sup> Paulo Sandroni, *Novíssimo dicionário de economia*. São Paulo: Best Seller, 2000, p. 265.

dia destruídas. São substituídas por novas indústrias, cuja introdução se tornou essencial para todas as nações civilizadas. Essas indústrias não utilizam mais matérias-primas locais, mas matérias-primas provenientes das regiões mais distantes, e seus produtos não se destinam apenas ao mercado nacional, mas também a todos os cantos da terra. Ao invés das necessidades antigas, satisfeitas por produtos do próprio país, temos novas demandas supridas por produtos dos países mais distantes, de climas os mais diversos. No lugar da tradicional auto-suficiência e do isolamento das nações surge uma circulação universal, uma interdependência geral entre os países”.<sup>5</sup>

Qualquer semelhança deveria ser mera coincidência com as conformações atuais da globalização, tendo em vista o consenso na Academia acerca do caráter ultrapassado das idéias de Marx. Contudo, o exame cuidadoso da interpretação de Marx no que tange ao desenvolvimento do capitalismo permite destacar a perspectiva de expansão dos mercados enquanto necessidade intrínseca ao capitalismo. A expansão dos mercados é um elemento crucial para a sua sobrevivência, tanto na fase atual de globalização quanto no período anterior à mesma.

Desde os seus primórdios, o capitalismo já continha, em suas estruturas, a necessidade de expandir-se mundialmente. Na acumulação originária (base real da emergência do modo de produção capitalista), o desvendamento de novos continentes através das “Grandes Descobertas Ultramarinas” (em finais do século XV e século XVI) constituiu elemento indispensável para alavancar o modo de produção que surgia. A partir daí “... todo o globo foi sendo forçado a transformar-se numa gigante esfera de circulação de mercadorias (...) criando o capital mercantil (...) um mercado efetivamente mundializado”<sup>6</sup>, que se configurou como o moderno sistema colonial.

O colonialismo promove a expansão mundial das atividades comerciais através da exploração e subordinação das colônias às metrópoles, possibilitando a acumulação de capitais para a implantação da manufatura e, posteriormente, da grande indústria. Segundo Mello, “a manufatura é a pri-

---

<sup>5</sup> Marx e Engels, “Manifesto do Partido Comunista (1848)”, op.cit., p. 11.

<sup>6</sup> Alex Fiúza Mello, *Marx e a globalização*. São Paulo: Boitempo, 1999, p. 51.

meira cria madura, no âmbito da produção, resultante do processo de expansão e dinamização internacional e intercontinental das relações de troca”<sup>7</sup>. Já o surgimento da grande indústria sedimenta um mercado exportador, bem como caracteriza um período em que um número cada vez maior de empresas tende a ampliar e aperfeiçoar seus métodos produtivos, visando lucros cada vez maiores.

O avanço técnico e o aumento na produtividade do trabalho levam a burguesia a buscar novos mercados que possibilitem a realização do capital inicialmente investido na produção. Mais do que isso, ela procura não só novos mercados consumidores, mas também fornecedores de matérias-primas, e novos locais onde possa investir o capital, na perspectiva de obter taxas de lucros mais vantajosas. Mas por que há a necessidade avassaladora do capitalismo em expandir mercados na intenção de obter mais lucros?

Em *O Capital*, Marx já identificava no processo de desenvolvimento do capitalismo o aumento da importância relativa do capital constante frente ao capital variável. Afirma ele que a tendência ao aumento da composição orgânica do capital (o sistema tende a tornar-se capital-intensivo) é própria do modo de produção capitalista. Esse aumento gradual do capital constante sobre o capital variável é acompanhado pelo aumento da produtividade do trabalho, o que leva, mantida a taxa de mais valia, à queda da taxa de lucro.

É bom salientar que quando trata da Lei da Tendência à Queda da Taxa de Lucro, Marx admitia que esta não era absoluta e sim, tendencial. Mais do que isso, ele mesmo apontava os fatores que se contrapunham à referida lei. Situando nesse ponto, verifica-se a necessidade da reprodução ampliada do capital e o aumento do capital investido como forma de se contrapor à lei:

“... ao progredir o modo de produção, o desenvolvimento da produtividade social do trabalho se configura na tendência à baixa progressiva da taxa de lucro e, além disso, no aumento absoluto da massa de mais valia ou lucro extraído; desse modo, no conjunto, ao decréscimo relativo do capital variável e do lucro corresponde o acréscimo absoluto de ambos. Esse duplo efeito (...) só pode expli-

---

<sup>7</sup> Idem, p. 87.

car-se em virtude de o capital global aumentar em progressão mais rápida que aquela em que diminui a taxa de lucro. Para empregar-se capital variável absolutamente acrescido (...) é mister que o capital global não aumente apenas na proporção da composição superior, porém mais rapidamente”.<sup>8</sup>

Dessa forma, observa-se que ao aumentar relativamente em maior proporção o capital constante, tende a ocorrer simultaneamente uma redução na taxa de lucro. Contudo, o lucro total tende a se expandir, o volume das mercadorias produzidas aumenta e seus preços baixam.

Com o aumento na composição orgânica do capital, caso não ocorra uma elevação da mais valia absoluta, a mais valia contida no valor dos produtos diminuirá na mesma medida que o *quantum de trabalho*. Para manter o lucro do capital é necessário que se amplie o capital aplicado, com isso ocorre um aumento no volume dos bens produzidos. Para que não ocorra uma crise de superprodução é necessário que, em paralelo ao aumento na produção, se dê uma expansão do mercado consumidor.

No *Manifesto do Partido Comunista*, Marx já observava a tendência a crises como algo inerente ao próprio desenvolvimento do capitalismo:

“Como consegue a burguesia superar as crises? Por um lado, pela destruição forçada de grande quantidade de forças produtivas; por outro, através da conquista de novos mercados e da exploração mais intensa de mercados antigos”.<sup>9</sup>

Verifica-se que a expansão dos mercados tem relação direta com o desenvolvimento do capitalismo e, numa fase mais avançada, esta expansão passa a ser produto da própria dinâmica capitalista. A conquista de novos mercados e a maior exploração dos já existentes são fatores que contrariam a Lei da Tendência à Queda da Taxa de Lucro. Em *O Capital*, Marx identifica o comércio exterior como um elemento que atua em oposição à Lei:

“O comércio exterior, ao baratear elementos do capital constante e meios de subsistência necessários em que se converte o capital variável, contribui para elevar a taxa de lucro, aumentando a taxa de

---

<sup>8</sup> Karl Marx, *O Capital*. São Paulo: Bertran, 1980, livro III, vol. IV, 6ª edição, p. 225.

<sup>9</sup> Marx e Engels, “Manifesto do Partido Comunista (1848)”, op.cit., p. 14.

mais valia e reduzindo o valor do capital constante. De modo geral, atua nesse sentido, ao permitir que se amplie a escala de produção (...). Ademais, a expansão do comércio exterior, base do modo capitalista de produção em seus albores, torna-se, com o desenvolvimento do capitalismo, o próprio produto desse modo de produção impelido por necessidade interna e pela necessidade de mercado cada vez maior”.<sup>10</sup>

Dessa forma, verifica-se que a intensificação do comércio exterior via expansão dos mercados (conquista de novos e/ou maior exploração) é um elemento de grande importância para a reprodução ampliada do capital e para a manutenção da taxa de mais valia ou para, pelo menos, amenizar o declínio da queda da taxa de lucro.

O processo de mundialização dos mercados se fez presente mesmo antes da gestação do modo de produção capitalista. Contudo, é no capitalismo que a expansão dos mercados torna-se fundamental, uma vez que assegura, mesmo temporariamente, a realização, reprodução ampliada do capital, a acumulação e a concentração.

Portanto, afirmar hoje, que o marxismo deve ser sepultado certamente é desconsiderar toda uma corrente que melhor interpretou o modo de produção capitalista, uma vez que,

“Marx, há muito, intuiu o movimento do capital e seu destino: pré-anunciou o monopólio, a centralização agigantada das bases produtivas capitalistas, a consolidação do mercado mundial, a abertura das fronteiras nacionais a livre-concorrência entre capitais, o livre câmbio, as crises globais, o desemprego estrutural, a lupemproletarização, a massificação da miséria, enfim, a invasão mundial do capital, deslindando, com um século de antecedência, o motor de propulsão de tudo isso que, hoje, chamamos de globalização”.<sup>11</sup>

Assim, neste final do século XX e início do século XXI, o processo de potencialização da expansão dos mercados tem se chamado de *Globalização*, que nada mais é de que a velha forma utilizada desde os primórdios do modo de produção capitalista de se desenvolver.

---

<sup>10</sup> Marx, *O Capital*, op.cit., 272.

<sup>11</sup> Mello, *Marx e a globalização*, op. cit., p. 266.